

## ENTREVISTA COM ANDREA CORNWALL

Cecília Sardenberg  
Maíra Kubík Mano

Andrea Cornwall, doutora em Antropologia pela Universidade de Londres, é Professora Titular de Antropologia e de Estudos Globais na Universidade de Sussex, Inglaterra, onde atua também como Diretora da Escola de Estudos Globais. Desde 2006, Andrea é a Diretora Geral do programa “Pathways of Women’s Empowerment” (<http://www.pathwaysofempowerment.org/>) no qual o NEIM participa liderando o projeto na América Latina, aqui coordenado por Cecilia Sardenberg.

Em março de 2016, Andrea Cornwall visitou o NEIM, quando proferiu a aula inaugural do PPGNEIM naquele semestre. Aproveitamos essa oportunidade de estar com ela para fazermos uma breve entrevista sobre perspectivas de empoderamento, questão bastante visitada nos estudos feministas.

Maíra Kubík Mano: Passamos os últimos 15, 10 anos no Brasil considerando que tínhamos um país em desenvolvimento, economia mais aquecida, investimentos externos pararam de vir tanto e os internos se fortaleceram. Um dos conceitos mais discutidos foi o de empoderamento, como, por exemplo, por meio de programas como o Bolsa Família e o Minha Casa, Minha Vida, assim como os títulos em assentamentos rurais, que priorizaram as mulheres. Como você vê a utilização de empoderamento para esses programas sociais?

AC: Para mim empoderamento significa as pessoas começarem a se ver de forma diferente, a enxergar novos horizontes e, assim, a agir de forma diferente. Minha crítica está voltada a formas mais instrumentais de empoderamento, que não mudam necessariamente o

modo como as pessoas se veem. Essas formas podem tornar a vida na pobreza mais fácil e aumentar as chances das pessoas conseguirem empregos melhores e de ir à escola, ter, enfim, mais oportunidades na vida. Mas isso não necessariamente as leva a questionar se deveriam ser as únicas a cuidar da limpeza da casa, ou se deveriam exercer o papel de mãe quando o parceiro homem não ajuda com as crianças ou a casa. Ou se quando eu sair da escola, devo ou não tentar ser cabelereira e começar a pensar no que é ganhar mal ou não ser promovida no trabalho. Então, empoderamento para mim é expandir os sentidos da consciência, é sobre as coisas que as mulheres sentem que devem ter direito a, é sobre um senso de cidadania, de identidade. Eu acho que esses programas não conseguiram combinar uma transferência de renda com um trabalho sobre questões de consciência e identidades, introduzindo conceitos de cidadania e ativismo. Esses programas não conseguiram se transformar e transformar horizontes. Pode-se dar mais dinheiro para as mulheres gastarem, mas eu acho que isso não muda necessariamente as condições sob as quais as mulheres estão desempoderadas. No entanto, e aí há um no

entanto bastante importante, há muitas pessoas que recebem Bolsa Família que nunca foram reconhecidas pelo Estado enquanto tal. Ter essa transferência de dinheiro e ter uma conta bancária e um cartão dá a elas a noção de que elas existem para o Estado e que valem alguma coisa. E que o Estado deve algo a elas e está pagando o que deve. Tem que ter a carteira de identidade para ter o Bolsa Família e a carteira de identidade é um cartão de cidadania também. E transforma um pouco a relação entre o Estado e a mulher. Você se sente parte de alguma coisa. É melhor do que se sentir fora de tudo. Mas quando combinamos o Bolsa Família com alguma intervenção, isso transforma a perspectiva dessas mulheres. Nossa colega, Hania Sholkamy, fez um trabalho muito interessante sobre o Bolsa Família egípcio. Ela se baseou no trabalho do Bolsa Família e de outros programas latinos semelhantes e criou um programa para o governo do Egito com consciência feminista. Uma parte desse Programa é voltada para a sensibilização das assistentes sociais que vão trabalhar com as mulheres, para que tratem essas mulheres de forma mais consciente. Aí há um efeito transformativo. A assistente social se torna uma agente de mudança. Não é mais o Estado paternalista cuidando de você, é sobre o que você tem direito em relação ao Estado. E reforçar o sentido de direito também fortalece as obrigações estatais. Para mim, esse discurso de cidadania é muito importante. Há muito potencial nisso.

Cecília Sardenberg: Você diria que essa perspectiva de empoderamento tem a ver com uma nova pedagogia para a libertação? Ou seja, que combina a ideia de empoderamento do movimento feminista com a ideia de despertar a consciência da pedagogia do oprimido?

AC: Sim, eu concordo. Porque no Brasil há uma situação de educação popular, há Freire e todo um trabalho incrível que foi feito em torno de mobilização, movimentos sociais, democratização, o conceito de participação. E, com esse histórico, quando eu comecei a trabalhar no Brasil, diziam que empoderamento vinha de fora, vinha do Banco Mundial e das agências internacionais. Então o empoderamento que estava acontecendo no Brasil, o trabalho de base de modificar consciências, ajudando a expandir os horizontes, juntando-se coletivamente, o movimento feminista e

pela educação, isso tudo estava acontecendo em um espaço. E os projetos de empoderamento estavam em outro espaço. Eu acho que é particularmente interessante que a noção de empoderamento foi interpretada como vinda do Banco Mundial e de agências internacionais, estando muito limitada a qualidades ou habilidades individuais. E isso deixa de fora muito das noções de empoderamento que os movimentos feministas e aqueles oriundos da educação têm. Porque o Brasil tem essa tradição de movimentos sociais. E os movimentos sociais trabalham num espaço que é bem diferente daquele do Estado fazendo projetos com o Banco Mundial. Bom, há projetos como o Chapéu da Palha,<sup>1</sup> que é um projeto de Estado que melhora as condições das mulheres entrarem no mercado de trabalho, mas também trabalha com conscientização, utilizando as metodologias de educação popular para tal fim. E o que é interessante é que esse projeto tem uma fase que é puramente sobre essa questão de cidadania, como construir cidadãs com a consciência mais ampla. E depois as mulheres podem fazer escolhas sobre os diferentes cursos profissionalizantes que querem seguir, mas os horizontes são muito mais amplos. A noção de escolhas, muito associada ao empoderamento, é muito mais estreita no sentido neoliberal, na medida em que só se pode fazer escolhas em cima do que se tem agora, não se tem a possibilidade de outras escolhas. Já os movimentos sociais, movimento feminista, movimento negro, trazem uma perspectiva muito mais crítica, essa noção de criticar condições da vida para a luta. Eu acho que isso também é um diferencial, no Brasil há uma forte história de luta sindical, dos movimentos sociais, e quando a gente conecta isso com empoderamento, faz um outro discurso de empoderamento, de cidadania, de direitos, muito mais ativo.

Maíra Kubík Mano: E os financiamentos a esses projetos que vem de fora muitas vezes impõem condições limitadoras, não?

Andrea Cornwall: Sim, muitas vezes o dinheiro vem com condições e esse dinheiro tem que ser gasto de uma maneira específica. Por isso minha crítica ao empoderamento tem a ver com a maneira em que esse

---

<sup>1</sup> O Projeto Chapéu de Palha foi desenvolvido pela Secretaria da Mulher de Pernambuco durante a gestão de Cristina Buarque.

dinheiro chega e como ele é utilizado dentro de noções mais estritas. Quando o dinheiro vem de fundos de mulheres, de diferentes fundos e com condições distintas, aí ele pode ser gasto com os trabalhos que as organizações precisam fazer. Então algo que eu tenho feito recentemente é procurar exemplos de movimentos sociais em que as mulheres recebem dinheiro não vinculado/amarrado de um doador e conseguem tocar seu trabalho de forma mais independente e autônoma, elas são muito mais eficazes em reivindicar os direitos das mulheres. É diferente de quando uma organização vem com um fundo de três anos, coloca uma pessoa no escritório, diz como se deve utilizar a verba em cada momento e depois vai embora. Ninguém se empodera do dia para a noite. Os melhores trabalhos de empoderamento que eu vi demoraram muito tempo, 10, 20 anos de uma organização trabalhando junto com uma comunidade ou um grupo, uma longa luta. As pessoas se juntam na luta, remodelam suas demandas, aprendem consigo mesmo e a organização acompanha esse processo. É um investimento muito profundo em um lugar e em pessoas.

Maíra Kubík Mano: Como você vê o papel dos especialistas e da academia como intermediários muitas vezes desses processos entre organizações financiadoras e movimentos sociais?

Andrea Cornwall: Onde eu vi os melhores trabalhos sendo feitos houve um catalisador, alguém que faz algo acontecer. Eu acho que há exemplos muito fortes. Na Índia eu conheço uma assistente social que, há mais de 20 anos, foi viver numa comunidade para trabalhar com prostitutas. Se não fosse ela, as prostitutas não conseguiriam se organizar para mudar a sua prática, analisar criticamente suas vidas. Ela começou como assistente social, mas depois ampliou seu espectro, foi ouvi-las, saber o que elas queriam. Elas não queriam deixar de ser prostitutas, queriam só que a polícia parasse de assediá-las. Elas não queriam ser resgatadas, elas queriam parar de ser discriminadas. Queriam ter seu dinheiro e criar seus filhos. Ela ouviu suas demandas e instigou-as a se mobilizarem. Hoje, sua organização tem 5 mil pessoas. E para isso ela teve que questionar as suas próprias presunções, a sua perspectiva de alguém de classe média, e isso eu vi acontecer com muitas pessoas. Aconteceu comigo mesma, como uma pessoa que vem da classe média e

que questiona as suas presunções. Mas eu também não venho de um referencial acadêmico tradicional. Então a teoria de transformação, de modificação da vida, vem muito da prática, de mobilização e conscientização. Já a teoria que vem apenas da quantificação, ou seja, de como medirmos ativismo, isso vem de uma zona que está fora da mobilização e da ação. Há uma disjunção entre algumas concepções acadêmicas, sobretudo as econômicas, e o que significa de fato mudar a vida das pessoas. Isso é importante porque há uma incapacidade de compreender que trata-se de processo de longo prazo, que não caminha em linha reta, que está em movimento, que é sobre relações e você pode estar empoderado em uma relação e não em outra. É sobre estar junto com as pessoas. Todas essas coisas que não são fáceis de medir e não necessariamente se encaixam em conceitos de poder para a economia, porque poder para a economia é dinheiro.

Cecília Sardenberg: É o que se entende por processo que avança em espiral, não de forma linear. E há processos em curso, tanto de empoderamento, quanto de desempoderamento. Eu escrevi um artigo sobre isso, sobre as mulheres de Plataforma, elas eram supermobilizadas para causas sociais. Mas com o surgimento de muitas igrejas evangélicas na área, a participação política das mulheres mudou, passou a se direcionar para a eleição de candidatos evangélicos, que não é uma coisa emancipatória para as mulheres. Você toca também em algo muito importante que é a questão da ação coletiva, do crescer junto, da construção da identidade coletiva e empoderamento. Você se sente forte quando está com seus pares, nas ações coletivas que são também transformadoras das estruturas. É algo completamente diferente de se dar apenas dinheiro. Ademais, o processo de conscientização precisa de um novo discurso e o feminismo oferece esse novo discurso.

Andrea Cornwall: Sim, isso é importante porque as mulheres podem ser empoderadas individualmente e não fazerem nada juntas. Elas podem ganhar mais dinheiro, ter poder, mas fica no mesmo sistema de classe e de desigualdades estruturais. Eu acho que as feministas que participam dos movimentos sociais são as que mais são voltadas para as questões de justiça social. Porque essa questão de transformação para um mundo mais justo, ligando empoderamento com isso, é

totalmente diferente do empoderamento para comprar mais coisas. Empoderada para o quê? Para quem? Eu acho que isso também é uma questão importante. Se conceituarmos empoderamento como algo conectado com a mudança, com a justiça, isso se torna uma noção adequada. Empoderamento precisa estar conectado com essa noção. Se é simplesmente sobre ter mais poder, o que nós entendemos por poder? É sobre democracia e poder? É sobre todos acessarem o poder? Ou é sobre concentrar o poder em indivíduos particulares, que se aproveitam do poder, que se agarram a ele?

Maíra Kubík Mano: É possível retomar a palavra empoderamento para o feminismo?

Andrea Cornwall: Eu acho que as palavras são territórios de luta e de contestação. Ninguém perde nada nessa luta. Continuamos a usar essas palavras. Para mim, empoderamento é uma palavra que ainda faz sentido. E é muito importante que utilizemos essas palavras que têm sentido para nós, mas precisamos avançar sobre esses sentidos. Eu quero falar sobre empoderamento, sobre justiça, poder, democracia, direitos, não quero separá-lo de uma noção de cidadania. Temos direito à cidadania, transparência, igualdade. Todas essas palavras são chave. Quando continuamos a falar sobre empoderamento e puxamos junto todos esses sentidos, insistimos nessa noção, procurando explicitá-la, acho que ficamos com essa noção para nós. O Banco Mundial tem sua própria noção. Precisamos parar de jogar esse jogo de palavras, senão ficaremos sem nada. Teremos que fabricar novas palavras.

Cecília Sardenberg: É o mesmo com gênero. Temos que reclamar o conceito de empoderamento para nós, reivindicá-lo e não abrimos mão dele.

Andrea Cornwall: É interessante que a questão do empoderamento das mulheres focou apenas nas mulheres e não nas relações de gênero ou nas relações das mulheres entre si. É interessante porque nós levamos as teorias de gênero e feminismo em conta desde os anos 1960, nós deveríamos complicar a noção do empoderamento das mulheres para pensar em outras formas de injustiça, como raça, classe, enfim, todas essas relações imbricadas. Aí sim nós estaríamos falando de poder, de pressão, de injustiça e de justiça. É por isso que eu acho que os discursos feministas sobre empoderamento devem continuar falando de estruturas e de injustiças e todas as formas de poder. Ao invés de ver apenas indivíduos autossuficientes que vão para workshops. Se você colocar a palavra “empoderamento” no Google, você acha as coisas mais hilárias. Óculos de sol, brinquedos sexuais, carros, todo o tipo de coisa pode ser lido no sentido de dar empoderamento. Muitos anúncios usam a palavra “empoderamento”. É uma palavra que significa tudo e nada. E é por isso que é necessário se aprofundar nela. Em qual contexto? E além do indivíduo andando com óculos de sol e um belo bronzeado.

Cecília Sardenberg: É preciso estar consciente e ter uma noção do que empodera pessoas.

Andrea Cornwall: E saber o que é opressivo e questionar o que deveria ser o seu lugar natural. É esse questionamento crítico que é tão importante, que eu acho que o Brasil aprendeu de Paulo Freire e dos movimentos sociais.